

DEJEAN, Joan. *Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Cezar Karpinski¹

As chamadas Guerras Culturais do final do século XX nos Estados Unidos fizeram Joan Dejean propor um projeto de reavaliação das crises intelectuais. Desta forma, o livro **Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle** propõe uma nova interpretação a um momento formativo da história da cultura francesa: “a crise que arrasou a França nos fins do século XVII, a chamada Querela entre antigos e modernos (1687-1715)”. Com isso, a Professora Catedrática de Francês e Literatura da Universidade da Pensilvânia nos mostra a importância de confrontos intelectuais na formação da chamada cultura moderna. Segundo ela, essa guerra literária do século XVII serviu para legitimar o primeiro “fim de século”, ou seja, o início de uma ruptura com a homogeneidade literária tradicional e a implantação do que seria uma verdadeira novidade para a cultura francesa, a opinião pública.

A crise intelectual da modernidade fez a autora remapear a própria história da cultura moderna. O fim do século XX, os conflitos entre os intelectuais norte-americanos e as visões antecipadas de um fracasso pedagógico advindo de uma “cultura da modernidade” são a tela pela qual Dejean busca desenhar o que fundamenta essa contenda e pintar os caminhos pelos quais a cultura moderna tende a seguir. Contudo, a imagem que se encontra nessa obra pode não ser a esperada para quem procura respostas ou ataques às críticas contra a modernidade. O que se enxerga são preciosos fragmentos do que a história cultural pode propor aos anseios intelectuais de qualquer tempo. Ou seja, a imagem de uma “querela” do século XVII se repete nas “Guerras Culturais” do século XX simplesmente por que o terreno é propício e fértil para leituras, julgamentos literários, debates e questionamentos.

Neste sentido, o livro possui dois objetivos específicos: o primeiro é reler a querela entre antigos e modernos sob a perspectiva das Guerras Culturais e investigar o final do século XVII usando questionamentos e terminologias cruciais aos conflitos intelectuais

¹ Mestrando em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

hodiernos; o segundo é revisar as Guerras Culturais do século XX sob a luz das questões e conceitos que se mostraram cruciais ao transtorno intelectual que iniciou a revolucionária guinada na mentalidade sobre a qual o iluminismo se estabeleceu. Neste ponto, enfatizar o modo como as atuais convocações a uma reforma pedagógica repetem as iniciativas do século XVII.

Ao investigar um período que é visto sem muita importância pela história - o século XVII não faz parte nem da idade de ouro do classicismo, nem do iluminismo - a autora procura compreender as conseqüências das controvérsias intelectuais que pairavam sobre Antigos e Modernos e como essa época se fez inovadora. Segundo Dejean, a agitação causada por estes debates foi intensamente produtiva, pois gerou uma série de idéias e fenômenos que se mostraram essenciais ao debate intelectual atual, desde o conceito de coisa pública ao de cultura. Além disso, gerou novas áreas de investigação (da Filosofia Estética à Psicologia) ao mesmo tempo em que provocou áreas já estabelecidas (Medicina). Por causa deste confronto intelectual surgiu a primeira esfera pública digna da designação de pública. Ao mesmo tempo, nasciam novas linguagens capazes de expressar as emoções - o que, na verdade, a autora chama de uma primeira e legítima cultura da interioridade.

Com uma nova leitura da história literária Dejean escreve uma história cultural da sociedade nos fins do século XVII. As diferenças sociais advindas de uma cultura tradicional de erudição mostram uma sociedade ansiosa por mudanças e participação popular. Por isso, certos movimentos iniciados pelos Modernos se tornaram cruciais para a literatura. Segundo Dejean, foi nessa contenda do século XVII que a literatura tornou-se um fenômeno radicalmente mais público, pois um grupo antes silenciado por não possuírem a erudição clássica começou a participar ativamente desta esfera cultural. Como conseqüência de uma literatura mais pública se desenvolveram novas formas de afetividade e interioridade, ou seja, o desenvolvimento da chamada subjetividade moderna. Desta forma, o romance alcançou sua primeira proeminência por ser um gênero literário ligado às características marcantes dessa época, a publicidade e a interioridade.

Com todas essas inovações a impressão que dá é que os Modernos venceram a Guerra Cultural do século XVII. Porém, o livro mostra a maneira sutil dos Antigos lidarem com essas práticas modernas. Como eram os Antigos que estavam nas lideranças das academias da época, eles introduziram planos para uma reforma

institucional e pedagógica, minimizando a influência das idéias modernas.

Tendo a história da literatura como pano de fundo, Dejean reescreve o século XVII numa perspectiva política, pois, ao estabelecer as artimanhas de Antigos contra Modernos ela demonstra como a atividade política se insere nos assuntos literários e culturais. Utilizando-se das fontes do passado, a autora alerta os intelectuais do presente sobre papel político-social que tem sua obra. Segundo ela, há o perigo de todos os debates contemporâneos seguirem o padrão do século XVII onde todas as propostas de mudanças institucionais foram abolidas devido às formas que tomaram as políticas literárias. Uma das finalidades da sua obra é reler as Guerras Culturais do século XVII, trazendo para o final do século XX – e XXI se quisermos – ações contra a passividade inerente às políticas literárias que tendem a dominar o seio acadêmico através de poderes conservadores.

Ao contrapor o conflito cultural do século XVII ao final do século XX, Dejean indica aquele período como um eixo propulsor para a história da modernidade. Mostra que essa desordem gerou uma série de idéias e fenômenos que se mostraram essenciais ao debate intelectual da época e que ressoam até hoje. Novas palavras foram criadas, outras passaram a ter diferentes significados e alguns conceitos surgem mesmo não tendo ainda palavras específicas para designá-los – é o exemplo da raça, gênero e civilização. Desta forma, o estudo de Dejean sobre o conflito entre Antigos contra Modernos é também uma história sobre a relação entre as palavras e as coisas.

Para Dejean, o final do século XX foi tomando forma de uma nova Guerra Cultural que repete estruturas significativas produzidas inicialmente nos fins do século XVII. O fenômeno expresso pelas questões de gênero e raça trouxe ao debate contemporâneo novos leitores e novas propostas. Segundo Dejean, os “Antigos” do final do século XX reagiram a este influxo lamentando o declínio da civilização enquanto do “Modernos” respondiam defendendo a democratização da cultura, ou seja, a cultura popular. Esse conflito produziu comunidades de novos leitores e, conseqüentemente, julgadores que formam uma esfera pública semelhante àquela ocorrida no século XVII.

Entretanto, além dessa analogia da presença da opinião pública entre as duas Guerras Culturais, ainda faltava encontrar um ponto mais denso de semelhança e é aí que Dejean aposta na literatura como fator de mudança tanto no século XVII quanto no século XX. Este é, sem dúvida, um momento crucial na obra da autora, pois ela expõe uma forma de se

pensar a modernidade sem associá-la diretamente ao iluminismo.

Na França do século XVII as Guerras Culturais foram seguidas por uma revolução literária marcada pela importância dada à psicologia dos personagens e à interioridade. Já nos Estados Unidos, segundo Dejean, também estava começando uma revolução através da chamada derrocada do iluminismo. A autora cita autores contemporâneos como Iain Chambers, Bruno Latour e Philippe Áries que publicaram obras realçando o fim da crença na irreversibilidade do progresso científico e tecnológico. Para Dejean, esse movimento estabelece uma literatura tão nova para o século XX quanto a literatura da interioridade foi para o século XVII. Além disso, as conseqüências deste fenômeno poderão acarretar transformações às críticas estabelecidas à modernidade.

Segundo Dejean, a modernidade sempre esteve ligada ao iluminismo e às suas propostas. A partir do momento em que estas propostas iluministas deixam de ser “acreditadas” devido aos problemas que trouxeram, o fenômeno iniciado pelos modernos de 1690 também é criticado. No momento em que o progresso científico – que sempre foi tido como uma sugestão do iluminismo e da modernidade – deixou de ser benéfico o interesse pelo iluminismo tornou-se irrelevante e até condenável.

Dessa crise do iluminismo é que se seguem críticas à modernidade, o que estaria gerando, para Dejean, uma nova Guerra Cultural. Isso porque, de admirado por ser moderno o iluminismo passou a ser criticado por estar associado ao progresso científico e, conseqüentemente à modernidade. Entretanto, para a autora ocorreu uma relação disforme nessa junção entre iluminismo, ciência, progresso e modernidade. Segundo Dejean, os neo-Antigos do final do século XX estavam errados ao culparem os modernos de 1690 da criação do progresso científico e, portanto, da ciência como panacéia universal adotada posteriormente pelo iluminismo. Na verdade, a controvérsia francesa do século XVII indicava que a ênfase causal da ciência era enganosa e que o progresso ao invés da ciência era fator determinante para os primeiros modernos.

Essa explicação de Dejean trouxe novos rumos ao estudo da modernidade, pois se os modernos de 1690 não foram os responsáveis pela crença absoluta na ciência, o iluminismo deverá ser visto não mais como um fenômeno ligado diretamente à modernidade. Se o iluminismo era a causa da discórdia entre os Antigos e os Modernos do século XX, o foco de discussão deveria ser outro: não mais como conseqüência da modernidade e sim dos rumos diferentes aos objetivos

originais que o iluminismo tomou. Através de fontes peculiares à cultura do século XVII a autora inaugura questionamentos sobre as diretrizes das próprias ciências humanas e as conseqüências de um “mal interpretado” período da história.

Para Dejean, tanto a construção como a desconstrução do iluminismo se funda em uma necessidade de estabelecer a origem da modernidade. Isso porque, após 1980, Antigos e Modernos saíram à guerra nos Estados Unidos principalmente quando os movimentos defendidos pelos modernos começaram a ser culpado pelo declínio da civilização. Por várias vezes as questões literárias e teóricas foram apontadas como originadoras destes conflitos. Sendo assim, o século XX nos Estados Unidos adquiriu o mesmo sentido de limite como o fez o século XVII na França.

No final da obra, Dejean volta a alertar sobre um fator que foi decisivo na vitória dos Antigos contra os Modernos do século XVII. Na exposição de Dejean, os modernos venceram a batalha pela audiência geral, pela expansão da literatura ao público e mudanças nos rumos literários abrindo inclusive caminho para o iluminismo, mas perderam a guerra porque os antigos ficaram com o poder nas instituições da república das letras ou, numa palavra contemporânea, das universidades. As guerras culturais marcaram o começo de uma transição da existência da literatura dentro de limites e sistemas; os modernos perderam o controle dos setores nos quais as escolhas entre programas opostos dos Antigos e Modernos teriam feito a diferença: acima de tudo, a escrita da história literária e o estabelecimento do cânon pedagógico.

Seguindo as fontes, Dejean percebeu que as obras modernas de pedagogia não surtiram efeito e neste campo, os antigos conseguiram se impor. Nenhum moderno se impôs para formar um estabelecimento educacional, um colégio com uma “educação completamente francesa”. Esta derrota foi talvez a mais séria perda sofrida pelos modernos. Significa que a luta dos modernos pelo reconhecimento da grandeza de uma tradição especificamente francesa não seria admitida na arena pedagógica e não se tornaria, portanto, parte da cultura francesa. Desta forma, pode-se afirmar que os modernos travaram as Guerras Culturais em vão.

No século XX (final da década de 1990) as guerras culturais explodiram novamente, só que desta vez, provocada pelos Antigos. Alguns autores começaram a defender a civilização ocidental – diga-se

dos Estados Unidos. Para Dejean, ainda estamos trancados no mesmo ciclo no qual os antigos usam a civilização para elogiar e a cultura para culpar – um crescente espectro de Mazelas – enquanto os Modernos fazem da “cultura” a base de suas tentativas de reconhecimento. Segundo a autora, o fim do século XX também apresenta questões cruciais por estamos no limiar de uma revolução nas emoções e na subjetividade.